

## TRADUÇÃO EM FRANCÊS: UM CONTO DE MACHADO DE ASSIS

Marie-Hélène Catherine Torres

UFSC

*Saber a matéria em que fala, procurar o espírito de um livro, descamá-lo, aprofundá-lo, até encontrar-lhe a alma, indagar constantemente as leis do belo, tudo isso com a mão na consciência e a convicção nos lábios, adotar uma regra definida, a fim de não cair na contradição, ser franco sem aspereza, independente sem injustiça, tarefa nobre é essa.*

Machado de Assis, 1865, *Crítica Literária*

ESTE ARTIGO ANALISA ALGUMAS FACETAS do processo de tradução de uma novela de Joaquim Maria Machado de Assis, *O Alienista*, em francês. Quero relembrar que se *O Alienista* foi publicado junto com as peças de *Papéis Avulsos* em 1882, ele também o foi anteriormente em *A Estação*, no Rio de Janeiro a partir de outubro de 1881.<sup>1</sup> Recém traduzido na França por Maryvonne Lapouge-Pettorelli em 1995 (enquanto a primeira tradução para o alemão, feita por Alfred Scherz, sob o título *Der Irrenartz*<sup>2</sup> data de 1953), *L'Aliéniste* tem o mérito de apresentar-se como um texto de grande qualidade, divulgando assim um pouco da literatura, e por extensão, da cultura brasileira em além-mar. Tentarei, portanto, após um consenso sobre o conceito de tradução, mostrar como a interpretação literária — enquanto compreensão (significado) e leitura interpretativas — influencia a escolha da equivalência textual por parte do tradutor, ou melhor, da tradutora.

Antes de abordar o processo de tradução, gostaria de me deter em primeiro lugar no próprio conceito de tradução. Entendo que traduzir é um ato de linguagem e não um fato de língua, isto é, conforme J. C. Catford, tradução é a “substituição de um material textual numa lín-

gua (língua-fonte) por um material textual equivalente em outra que Catford distingue três traduções em relação às ordens em que ocorre equivalência (frase a frase, grupo a grupo, palavra a palavra).<sup>4</sup>

- Texto em língua-fonte: *It's raining cats and dogs.*

- Texto em língua-alvo: *Il est pleuvant chats et chiens.* (word for word)

*Il pleut des chats et des chiens.* (literal)

*Il pleut à averse.* (free)

Observamos que a tradução livre optou pela adaptação lexical, enquanto a tradução literal que não considera os índices fornecidos pelo texto pode gerar alguns problemas. Por exemplo, no conto “A Cartomante”, que pertence a *Várias Histórias* e que foi traduzido em francês em 1910 por Adrien Delpech, em *Quelques Contes*, sob o título “La Cartomancienne”, encontramos:

Se você soubesse como eu tenho andado, por tua causa.

(palavras de Rita a Camilo)

Sabendo que Rita é casada com Vilela e amante do Camilo, ou seja, contextualizando esta fala, o verbo “ter andado” não poderia aqui significar qualquer movimento, menos ainda quando seguido da expressão “por tua causa”. O tradutor francês, na tentativa de traduzir literalmente, alterou o sentido original:

Si tu savais combien j'ai couru à cause de toi.

Em *L'Aliéniste*, a tradutora escolheu a mudança de categoria para traduzir, como neste exemplo:

Dava ... um estalo com os dedos (Cap. II),

resultou a tradução francesa:

il faisait claquer ses doigts

Temos ainda no original:

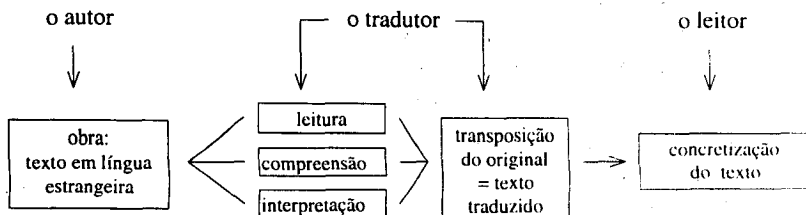
O dia acabou alegremente (Cap. VII),

traduzido por:

La journée a pris fin dans la joie.

Para se chegar a esta qualidade de tradução, temos que nos questionar sobre as diversas fases do ato de traduzir nas quais se insere a problemática do processo de tradução. Muitos estudiosos dedicaram parte de suas pesquisas ao processo de tradução, porém uma das teorias que mais se adequa à concepção de tradução deste trabalho é a de Jiri Levý, que se encontra no texto *O processo de traduzir* publicado em Frankfurt em 1969. Abro aqui um parêntesis para assinalar que Levý não foi publicado em português e que estou aproveitando as notas feitas numa tese de mestrado defendida na UFSC por Lia Carmen Puff, bem como a tradução do alemão para o português feita pelo Professor do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina, Mauri Furlan.

Para Jiri Levý, três são os agentes envolvidos no processo: o escritor, o tradutor e o leitor do texto traduzido, este último realizando uma leitura que ele chama de concretização do texto. Mas o primeiro leitor, o leitor número um é o tradutor pelo intermédio do qual o texto se concretiza pela primeira vez. É nas suas mãos que se opera a recepção da obra que lhe chega sob a forma de texto, enquanto material objetivo que é transportado pelo receptor, o tradutor/leitor. A res primordial segundo Levý é que “traduzir é comunicar, isto é, “o tradutor decifra a comunicação que está contida no texto do autor do original para transformá-la, re-cifrá-la em sua língua”. A partir daí podemos esquematizar o processo de tradução descrito por Levý da seguinte forma:



Vemos no esquema que a relação de três componentes forma o cerne da problemática do traduzir, ou seja, o conteúdo objetivo da obra e suas duas concretizações através do leitor do original e do leitor da tradução. No que diz respeito à tarefa do tradutor, Levý a decompõe em três pontos: a compreensão, a interpretação e a transposição da obra original. A leitura, que considero parte integrante do trabalho do tradutor, figura como pré-tarefa do ato tradutório. Com efeito, a primeira fase é a da leitura interpretativa do leitor/tradutor que traduz a sua compreensão, pois um bom tradutor há de ser sobretudo um bom leitor. Sua primeira tarefa, segundo Levý, diz respeito à compreensão literal, filológica do texto, ou seja, concernente à preparação e prática no ofício do manejo com dicionários. Levý adverte que nesta fase aparecem muitos equívocos que originam erros de tradução.

Em *O Alienista*, Simão Bacamarte, quando explica a um dos seus tios as razões pelas quais casou com D. Evarista, diz que

D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem (Cap. I).

A tradução em francês é:

Dona Evarista réunissait des conditions psychologiques et anatomiques de premier ordre

Há sem dúvida um equívoco na escolha de “psychologiques” no lugar de “fisiológicas”, adjetivo relativo à ciência que trata das funções orgânicas pelas quais a vida se manifesta e que asseguram a vida. Este termo no texto é decisivo quanto à reprodução da espécie, parte integrante da teoria do Dr. Bacamarte.

Numa boa leitura do texto, avisa Levý, o tradutor deve também compreender os valores estilísticos de expressão linguística (estado de espírito, humor, acentos irônicos e trágicos, apelos ao leitor, constatações secas...etc). A tradução exige não apenas um conhecimento mais profundo, mas sobretudo mais consciente da obra do que a leitura simples. E mais ainda quando se trata de traduzir um texto de Machado de Assis! O tom irônico que lhe é próprio perpassa toda sua obra.

Quando escreve no capítulo XI de *O Alienista* através da fala de Simão Bacamarte na Câmara

quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento,

percebemos o valor irônico na idéia de “aposentados”. Infelizmente o tom não foi restituído em francês

les quatre cinquièmes des habitants d’itaguaí se trouvaient **enfermés** à la Maison Verte.

Um dos pressupostos da estética da tradução, conforme Levý, é que o tradutor seja um tradutor criativo, isto é, no caminho do original para a tradução, ele imagina, representa a realidade e o interesse do escritor e que portanto ele avance — o tradutor — além do texto, para as formas, as imagens, as situações e as idéias. A educação artística do tradutor exigiria um processo assim formulado:

texto original - realidade representada - texto traduzido

Ainda no âmbito da estética da tradução, Levý acrescenta que o tradutor deve estudar a reconstrução da realidade. De fato, é somente quando o tradutor compreende a realidade naquela forma que ele pode produzir uma verdadeira tradução artística.

Na fase de interpretação do original, que cabe ao tradutor, Levý insiste sobre o fato de que, para interpretar, o tradutor precisa conhecer a realidade que se oculta por trás do texto, o que só é possível se o tradutor tiver uma representação clara desta realidade da obra literária na sua totalidade. Mas o que é interpretar? A apreensão de um querer dizer (*un vouloir dire*) através da língua, e não somente a língua em si, está na base da interpretação.<sup>5</sup> É só com uma compreensão clara, objetiva do texto (sentido + especificidades estéticas) que o traduzir é interpretar. O tradutor não pode impor seu ponto de vista, seu subjetivismo pois há na obra um valor ideal e estético que lhe é própria. Modificações na concepção da obra só são possíveis dentro de limites que são dados através do conteúdo real e potencial da obra. Não se pode defender nem teorica nem artisticamente uma interpretação

traducional que introduz na obra elementos heterogêneos e contraditórios à idéia objetiva. Qual é então o espaço que possui o tradutor para a interpretação da obra? Levý sugere limites, na interpretação do tradutor, semelhantes aos do historiador da literatura. Vejamos um exemplo: o título do 1º capítulo de *O Alienista*:

De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates,

título traduzido em francês por:

Où il est raconté comment Itaguaï s'enrichit d'une maison de fous

Antes de discutir a questão da interpretação neste exemplo, gostaria de lembrar que Machado de Assis acreditava na pureza da linguagem e na influênica do escritor sobre ela. Cavalcanti Proença nos revela ainda que ele estava “preocupado com a infidelidade das palavras, pesando-as, examinando-lhes as facetas e que havia a preocupação de dar às idéias vestimenta adequada e autêntica”.<sup>6</sup> Neste sentido, constata-se que a tradução conservou a forma explicativa de um título que resume o capítulo, à maneira de Voltaire:

*Comment Candide fut élevé dans un beau château et comment il fut chassé d'icelui (Candide, capítulo 1)*

Eu cito Voltaire mas poderia ter citado títulos de várias obras como *Du Contrat Social* de Rousseau, *De l'Allemagne* de Mme de Staël ou ainda *De la Démocratie en Amérique* d'Alexis de Tocqueville. Porque, portanto, não iniciar a tradução por: “De comment Itaguaï ...”, já que é perfeitamente francês segundo os exemplos citados? Além do mais, entre “como” e “où” há um deslocamento de topicalização. A tradutora interpretou que as crônicas são escritas e o expressou no título com “où il est raconté”. Porém, mesmo que ela tenha razão, Machado de Assis o sugeriu, só o sugeriu, e isto é uma característica do seu estilo. O acréscimo portanto não se justifica. O último ponto quanto à interpretação deste título concerne à tradução de “casa de Orates” por “maison des fous”. Considerando que, em primeiro lugar, “Orates” — com maiúscula — do catalão “orat” pertence a um registro de linguagem mais rebuscado e a escolha deste termo simboliza ironica-

mente uma denominação pomposa, pois Machado de Assis se insurgia contra a inhumanidade e arbitrariedade dessas intuições, e que, em segundo lugar, o autor marca a diferença com “loucos”, sendo que o título do segundo capítulo é “Torrente de loucos” e não “torrente de orates”, pode-se propôr em francês “maison d’Aliénés”, ou seja, o título

De comment Itaguaï s’enrichit d’une maison d’Aliénés.

A última fase do processo de tradução proposto por Jiri Levý é a *transposição do original*, lembrando que . Mais do que “transposição” prefiro dizer “restituição do texto original”. Neste sentido, o estilo do tradutor traz sempre os vestígios do ter-que-se-decidir sob a influência do texto original. Na verdade, a influência direta se expressa através da existência de construções inorgânicas criadas segundo o original e através dos meios de expressão da língua da tradução. Trata-se aqui da escolha das equivalências por parte do tradutor, escolha que vai sofrer a influência de sua interpretação. A equivalência é o problema central da tradução. Para tentar explicitar o que é uma equivalência, fui buscar alguns elementos na *teoria interpretativa* desenvolvida na Ecole Supérieure d’Interprètes et de traducteurs (ESIT) da Universidade de Paris III, teoria aliás que caminha no mesmo sentido de que a de Jiri Levý.

Partindo então de um exemplo, vamos tentar discriminar a diferença que se opera entre equivalência e correspondência.

A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes em Itaguaï. Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir às cerimônias, que duraram sete dias (Cap. I)

*L’asile prit le nom de la Maison Verte, par allusion à la couleur des fenêtres, les premières fenêtres peintes en vert dans Itaguaï. L’inauguration eut lieu en grande pompe; une foule immense accourut des communes et agglomérations avoisinantes, et jusque de Rio de Janeiro, pour assister aux cérémonies qui durèrent sept jours pleins (chap. I).*

Pode-se observar que o sentido do texto em português se mantém no texto francês. No entanto, as palavras portuguesas e francesas correspondem-se pouco, isto é, o sentido foi restituído tomando em conta a especificidade do francês e as preferências estilísticas da tradutora. Podemos portanto afirmar que o texto original e o texto traduzido são equivalentes.<sup>7</sup>

Agora, no mesmo trecho, percebe-se que há palavras e formas sintáticas que correspondem de uma língua para outra:

A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, **por alusão à cor das janelas**, que pela primeira vez apareciam verdes **em Itaguaí**. Inaugurou-se com imensa **pompa**; de todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da cidade do **Rio de Janeiro**, correu gente **para assistir às cerimônias**, que duraram sete dias (Cap. I)

*L'asile prit le nom de la Maison Verte, par allusion à la couleur des fenêtres, les premières fenêtres peintes en vert dans Itaguaí. L'inauguration eut lieu en grande pompe; une foule immense accourut des communes et agglomérations avoisinantes, et jusque de Rio de Janeiro, pour assister aux cérémonies qui durèrent sept jours pleins (chapître I).*

Segundo a teoria interpretativa, vê-se através deste tipo de exemplo a diferença essencial que existe entre equivalências e correspondências: as equivalências se estabelecem entre textos e as correspondências entre elementos lingüísticos (palavras, formas ...), respondendo portanto a necessidades pontuais. Toda tradução tem correspondências que sejam termos ou vocábulos mas só se transforma em texto com a criação de equivalências.<sup>8</sup> Da mesma forma, Catford define equivalência e correspondência, especificando ainda mais, pois trata de equivalência textual vs correspondência formal, a primeira sendo um equivalência entre textos das línguas de partida e de chegada e a segunda, uma correspondência de categorias que ocupam o mesmo lugar no texto das línguas de partida e de chegada.<sup>9</sup> Como então julgar, avaliar uma equivalência? Quais são os elementos que permitem afirmar que uma determinada tradução é equivalente ao original?

Na sua *Introdução à ciência da tradução*, Werner Koller<sup>10</sup>, de modo a abarcar a noção de equivalência, analisa os elementos que determinam a equivalência do conjunto. Daí, destaca cinco categorias:



1. uma tradução deve transmitir a informação fornecida pelo original sobre a realidade extra-linguística — É o que Koller chama de “equivalência denotativa” (*denotative Äquivalenz*);

2. ela deve respeitar o estilo = registro de língua, extensão geográfica das expressões... É a “equivalência conotativa” (*Konnotative Äquivalenz*);

3. ela deve ser conforme o gênero do texto original. Trata-se aqui da “equivalência normativa” (*textnormative Äquivalenz*);

4. ela deve ser adaptada ao conhecimento do leitor para ser compreendida — É a “equivalência pragmática” (*pragmatische Äquivalenz*);

5. enfim, a forma da tradução deve produzir o mesmo efeito estético do que no original (*formal-ästhetische Äquivalenz*).

Estes critérios, quer seja consciente ou intuitivamente, fazem parte da avaliação de uma tradução. Não se trata de um método para aprender a traduzir mas sim de um modo de verificar se aquela equivalência foi bem escolhida. E como qualquer julgamento de valor, a avaliação das equivalências de uma tradução é no entanto, ainda em grande parte subjetiva.

Vou tentar testar estes critérios sobre a tradução de *O Alienista*:

O momento em que D. Evarista pôs os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história moral dos homens, e isto pelo contraste das duas naturezas, ambas extremas, ambas egrégias. D. Evarista soltou um grito, — balbuciou uma palavra e atirou-se ao consorte — de um gesto que não se pode melhor definir do que comparando-o a uma mistura de onça e rola. Não assim o ilustre Bacamarte; frio como diagnóstico, sem desengonçar por um instante

*La chronique de l'époque tient le moment où les yeux de Dona Evarista se posèrent sur la personne de son mari pour l'un des plus sublimes dans l'histoire de l'humanité, et ceci en raison du contraste entre leurs deux natures, l'une et l'autre éminentes. Dona Evarista eut un cri, suivi d'un balbutiement, et se précipita vers son époux dans un mouvement qu'on ne peut pas mieux décrire qu'en le comparant à celui à la fois d'une tourterelle et d'un félin. Rien de semblable chez l'illustre Bacamarte: froid*

a rigidez científica, estendeu os braços à dona que caiu neles e desmaiou.

*comme un diagnostic, et sans se départir un instant de sa scientifique impassibilité, il tendit vers la dame ses deux bras où celle-ci alla s'écrouler, et où elle s'évanouit.*

Constatamos portanto que:

- a informação contida no original é transmitida no texto traduzido;
- o francês respeita o registro de língua, o estilo do texto original;
- o francês não sente a tradução, respeita o gênero literário do texto original;
- a adaptação ao leitor francês é feita, notadamente na tradução da comparação “onça e rola” por “d’une tourterelle et d’un félin”, bem que a inversão não se justifique;
- e enfim, o efeito estético do texto original é reencontrado no texto francês.

Seria preciso uma análise mais profunda, mas estes critérios ilustram o trabalho do processo de tradução. Quando o tradutor escreve sua versão, ele se inspira do que compreende e do que sente na leitura do texto original, sempre tendo em mente que os meios com os quais ele pode (im)por sua concepção são limitados mas eficazes. De fato, através de modificações estilísticas, cada tradutor impõe efetivamente ao original, em maior ou menor medida, seu estilo e com isso também sua compreensão da obra. A revalorização estilística não pode no entanto ir a ponto de desfigurar o sentido do original. E quanto mais perfeitamente o tradutor compreende a obra, mais pode predeterminar a escolha dos meios traducionais. E quanto maior for seu talento artístico e lingüístico, mais meios terá a sua disposição para fazer uma boa interpretação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GALANTE, J. de Sousa. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: MEC/ Instituto Nacional do livro, 1995, p.530.
2. Idem, ibidem, p.530
3. CATFORD, J.C.. *A linguistic theory of translation*. London: Oxford University Press, 1965, p.20
4. Idem, ibidem, p.25
5. SELESKOVITCH, Danica & LEDERER, Marianne. *Interpréter pour traduire*. Paris: Didier Erudition, 1994, p. 108.
6. ASSIS, Machado de. *O Alienista e outras histórias*. Introdução M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro, p. 14.
7. LEDERER, Marianne. *La traduction aujourd'hui*. paris: Hachette, 1994.
8. Idem, ibidem, p.55
9. op.cit., p.27
10. KOLLER, W. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg: Zuelle und Meyer, 4<sup>a</sup> ed., 1992.

